

Resenha

CARDOSO, Dulce Maria. *Eliete – A vida normal*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2018.

Bruno Mazolini de Barros*

Dulce Maria Cardoso é um dos expoentes incontestáveis da literatura portuguesa deste início de milênio. Nos textos da romancista, contista e cronista, o cotidiano é dissecado com maestria. Apesar de sua autópsia do comportamento humano dar-se por propostas formais diversas – especialmente quando se considera sua arte romanesca –, há uma coesão temática significativa entre seus romances, há *motivos* expressivos que pulsam em sua arte.

Antes de tratar propriamente de *Eliete – A vida normal*, é preciso advertir: como qualquer resenha, esta também é uma perspectiva parcial do romance: a leitura está condicionada pelo tempo, pelo espaço, pelo acervo de leituras de seu autor e por outros tantos fatores. No entanto, aqui, é pertinente destacar esse aspecto da interpretação devido à natureza da própria obra. Como a folha de rosto anuncia, o livro apresenta somente a Parte I da narrativa. Ou seja, as observações sobre a vivência das personagens, as conexões entre estas, assim como seus destinos estão, nesta resenha, limitadamente observadas, já que outras partes da história ainda não foram lançadas.

Como em seus outros romances, este, com sua epígrafe, mantém a tradição da autora de fazer alguma referência a poeta cubana Dulce María Loynaz. Os capítulos, com tamanhos praticamente simétricos, progressivamente recuperam a vida da narradora-protagonista, Eliete, assim como a teia familiar na qual ela está presa.

À medida que a narrativa se desenvolve, aos poucos, a vida comum, o maçante dia a dia e os conflitos interpessoais tornam-se cada vez mais complexos, e entrepermeados por *likes*, *nudes*, segredos, comunidade europeia, mercado

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

imobiliário, futebol português, academias de ginástica e lugares-comuns do *coaching* e da autoajuda. Há, no romance, ambientado na cidade de Cascais em meados do ano 2016, um olhar sagaz para a contemporaneidade de Portugal e, por extensão, para a realidade de grande parte do Ocidente também.

A dinâmica principal deste último romance reitera uma potente tríade feminina observada em sua segunda obra, *Os meus sentimentos* (2005)¹: as relações complexas entre avó, mãe e filha, assim como os conflitos e semelhanças que conectam as três gerações. Em *Eliete – A vida normal*, as personagens masculinas possuem um papel periférico no enredo; na verdade, elas estão inclusive ausentes, em algum nível, na vida da protagonista. Nas outras narrativas de Dulce Maria Cardoso, o pai de seus protagonistas, temporária ou definitivamente, eclipsam-se da vida de seus filhos, vide *Campo de sangue* (2012) ou *O retorno* (2012). O pai de Eliete, por exemplo, é um espectro na vida da narradora, é uma foto pendurada na parede.

Os atritos entre as figuras femininas da família e o afastamento físico ou emocional das masculinas estão entrelaçados a um problema recorrente na vida das personagens da escritora portuguesa: a carência de entendimento. Alice, personagem de *O chão dos pardais* (2009), o terceiro romance da autora, declara: “O conhecimento é uma extravagância em qualquer relacionamento e o entendimento uma extravagância ainda maior” (CARDOSO, 2014, p. 80). Esse tipo de lacuna na percepção das pessoas persiste nesta nova obra, e ocorre em duas escalas na experiência da protagonista: tanto em relação a si mesma quanto em relação aos outros.

A narrativa abrange momentos significativos da vida da narradora, espreitando sua infância e adolescência, mas compreende principalmente a sua crise de meia-idade, momento cuja autoimagem física e psicológica é difícil de ser aferida por Eliete, que trabalha como agente imobiliária. Como pode ser observado ao longo do texto, nessa fase, questões intrincadas à vida da protagonista – como maternidade, carreira, casamento, corporeidade e sexualidade – estão todas postas em cheque. Ela, no entanto, não tem certeza acerca de o que significa *estar* na meia-idade, de o que é *ser* uma mulher de 42 anos; ou, pelo menos, não está segura dos possíveis rumos que a sua vida tomou ou pode tomar:

¹ As datas da primeira edição dos livros da autora em Portugal serão apresentadas entre parênteses, quando mencionadas.

Meia-idade queria dizer o quê, que já não tinha muito a perder e nem a ganhar? A primeira metade da minha vida estava gasta e faltava-me, se tudo corresse bem, a metade do ocaso. Meia-idade também significava, no que me dizia respeito, que a minha vida era o resultado das decisões de há muitos anos, significava que eu nunca mais a repensara, que a inércia, o hábito e o medo do desconhecido haviam feito com que eu tivesse aceitado, muitas vezes sem dar conta, os carris por onde seguia. (CARDOSO, 2018, p. 88)

A dificuldade de entendimento não é só em reconhecer a si mesma, mas também de compreender o que se passa com seus parentes, com seu marido, com sua avó e com sua filha:

Mas, ainda que não tivesse pensado, sentia-me rodeada por desconhecidos, o Jorge apresentava-se como o rascunho grosseiro que fizera de si mesmo, a avó ausentava-se de si própria, a Inês construía-se voluntariamente inacessível. O tempo, o cansaço, ou sei lá o quê, tornara o Jorge um desconhecido com o corpo do Jorge, a doença tornara a vó uma desconhecida no corpo da avó e a Inês, tivesse eu culpa disso ou não, queria ser uma desconhecida para mim. (CARDOSO, 2018, p. 142)

Nessa encruzilhada identitária e familiar, Eliete está constantemente tomada por uma tensão, gerada pelo desejo ou pelo medo da mudança. Para ela, o tempo é o grande aplanador das experiências individuais; apesar das particularidades da vida de cada sujeito, todos são acometidos pelo envelhecimento: “Sim, não é justo o que os anos nos fazem, mas é justo que o façam a todos. Este pensamento acalmou-me, o tempo vingar-me-ia de forma exemplar” (CARDOSO, 2018, p. 26). Ela também reconhece sua limitação frente à impermanência de tudo: “Entretanto, as coisas tinham mudado, as coisas mudavam sempre, independentemente da minha vontade e do meu empenho em que elas permanecessem” (CARDOSO, 2018, p. 135).

Tensa com sua vida que se esvai, Eliete busca autoafirmação e um possível novo rumo para sua condição na internet. A interação digital (via salas de bate-papo), que já havia sido destacada em *O chão dos pardais*, assume um protagonismo importante neste romance. As interações *on-line* e suas reverberações no cotidiano *off-line* são, aqui, engrenagens importantes na narrativa, não só no que diz respeito ao desenrolar das ações, mas também no que se refere à carga psicológica que agregam às personagens.

Aos poucos, WhatsApp, Facebook e Instagram contaminam a narrativa, até a aventura digital da narradora eclodir no maior capítulo do romance, que corresponde à sua incursão pelo Tinder. O aplicativo de encontros equivale no romance ao que seu nome, em inglês, pode significar: material inflamável. A frustração e tédio já estavam

na vida de Eliete, mas sua atividade no Tinder é o estopim para mais uma mudança em sua vida: o advento do adultério.

Diversas ponderações da narradora convergem para um aspecto relevante acerca da interação nessas redes sociais: a precariedade de uma possível “verdade”. A existência espectral das pessoas, suas máscaras digitais e sua comunicação débil não proporcionam um aferimento consistente da realidade. Se, para Eliete, o entendimento de si mesma e dos outros na vida *off-line* é escasso, na vida *on-line* isso é um desafio ainda maior, uma vez que esta é manipulada, diferente daquela, que seria “real e não editada” (CARDOSO, 2018, p. 81).

Outra dinâmica recorrente em todos os romances da autora é o protagonismo do espaço da casa. Esse lugar prosaico na experiência humana é, em suas obras, entalhado de modo profundo, não é mero espaço da narrativa; é, na verdade, espaço identitário, campo do *habitar* e do *ser*. Com isso em vista, no caso de *Eliete – a vida normal*, a casa aparece como local de memória, como lugar ontológico de seu habitante e até como um dos epítomes da identidade portuguesa, por exemplo. A vivência no espaço da casa figura inclusive como análoga à situação atual da vida da narradora: “Eu estava a tentar a recuperar a minha [vida], como, de tantos em tantos anos, se recuperam as casas, queria acrescentar-lhe beleza e conforto para me ser mais fácil habitá-la” (CARDOSO, 2018, p. 268).

A memória – material profícuo nas narrativas de Dulce Maria Cardoso – não aparece somente relacionada à casa. Em uma dupla via, a memória está não só impregnada de cheiros, de objetos, de pessoas e de lugares, mas também está impregnando tudo, em um surgir e cessar que acomete à narradora, como o movimento do mar: “Não havia necessidade de consultar nenhuma tabela de marés para eu ter certeza de que uma onda de recordações iria apanhar-nos durante o trajeto que nos levaria do hospital até a casa da mamã” (CARDOSO, 2018, p. 29).

Especificamente o cessar da memória, sua falha, figura no romance por meio do diagnóstico de Alzheimer de sua avó paterna. Ao observar o estágio avançado da doença, o médico destaca:

Somos a nossa memória, começou por dizer, a memória determina o que sentimos, o que sabemos, o que imaginamos, o que intuimos, somos a nossa memória e quando lhe perdemos o acesso, mergulhamos num vazio inimaginável, sem acesso à memória não poderemos saber dos valores morais que nos guiam, dos amores e dos medos, das ambições, dos erros e fracassos, tornamo-nos tão imprevisíveis e misteriosos como qualquer recém-nascido. (CARDOSO, 2018, p. 244-245)

A memória pessoal da avó é ponto-chave para o esclarecimento das relações familiares inusitadas que Eliete pode guardar com o ditador português António de Oliveira Salazar. As implicações dessa ligação, suas reverberações nas outras partes porvir de *Eliete – A vida normal*, podem vir a ser relevantes tanto para a saga da protagonista quanto para a formulação de outras personagens na narrativa.

Em meio à crise e às mudanças em sua vida, fragilizada e transformada, Eliete torna-se incontornavelmente isolada dos outros. O descompasso entre a protagonista e os familiares, entre o que ela aparenta ser e o que ela realmente é, deixa-a sem saída: “Ao princípio, orgulhava-me por ter passado a existir para além deles e ser capaz de lhes esconder isso, mas não tardei a sentir-me irremediável e miseravelmente só, já que à mentira se seguia, obrigatória, a solidão” (CARDOSO, 2018, p. 228).

Cabe destacar também a força de personagens secundárias, que, pela potência da linguagem da romancista portuguesa – sua ironia e desenvoltura –, ganham uma posição memorável em seus trabalhos. Em *O retorno*, por exemplo, há a “diretora”, gerente do hotel que abriga os retornados, com suas regras e seu falso polimento. Aqui, uma delas é a “tableforone” (referência a uma *hashtag* para pessoas solteiras, *table for one*), com sua duvidosa autoconfiança. Nos dois casos, personagens inominadas, estereótipos que condensam o pedantismo de alguns tipos arrogantes.

Em *Eliete – A vida normal* é possível ler o ser humano em sua pequenez, em sua vulnerabilidade física e emocional, em seu cotidiano medíocre. Isso é apresentado não só com as questões aqui destacadas; o romance está tomado também por células de realidade que o formam seu corpo narrativo: uma cena sobre a menstruação ou sobre a barba rala com espinhas em adolescentes; um vislumbrar das dobras de um corpo flácido pela velhice; um espreitar de alguém a dormir de boca aberta; o desconforto de um lençol sintético na cama de um motel de beira de estrada.

Uma vida comum, um cotidiano limitador; uma vivência meramente centrada no casamento, na maternidade e no trabalho, na qual o Facebook, o Instagram e o Tinder funcionam como válvula de escape, como uma arena à parte onde o sujeito se performatiza – com ou sem sucesso – de um *outro* modo. Dulce Maria Cardoso revela o quanto, sob um olhar sagaz, somos seres frágeis e até ridículos, todos acossados por situações que, mais cedo ou mais tarde, fogem ao nosso controle. Seu romance nos lembra que, afinal, somos seres humanos.

Referências

CARDOSO, Dulce Maria. *Eliete – A vida normal*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2018.

CARDOSO, Dulce Maria. *O chão dos pardais*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2014.

Recebido em: 28/05/2019

Aprovado em: 20/01/2020